

FENÓMENO INTERNACIONAL · MAIS DE 500 000 LIVROS VENDIDOS

THOMAS ENGER

DOR FANTASMA



«Enger é um talento raro
e forte no género policial.»

The Independent

TOP
SEL
LER

Prólogo

A Harley-Davidson de Jocke já lá está.

Tore Pulli estaciona a mota e tira o capacete. A gravilha range quando pousa os pés no chão. As janelas da velha fábrica olham às cegas para a escuridão. O silêncio é denso e misterioso.

Pulli pendura o capacete no guiador e caminha até à porta. Quando a abre, as dobradiças chamam. Entra com cautela.

— Jocke?

A sua voz ecoa pelas paredes. As botas embatem contra o chão de cimento. Os olhos ambientam-se pouco a pouco à escuridão, mas tudo o que consegue ver é o chão vazio, as paredes vazias, as vigas e os pilares cobertos de teias de aranha. O vento de outubro uiva pelas janelas com os vidros partidos. Da sua boca, saem nuvens brancas de respiração gelada.

É quase como antigamente, pensa Pulli enquanto avança. A preparação para o confronto. Ele sente a adrenalina em todas as células do seu corpo, e gosta disso.

O seu olhar é atraído para algo que está no chão, nas profundezas das sombras. Aproxima-se com cautela e depara-se com o odor acre a urina e metal. Pisa algo escorregadio e tem de dar um passo para o lado de modo a evitar uma queda. Tira o telemóvel do bolso e usa-o para iluminar o chão. É então que vê aquilo que pisou.

Diante dele está um corpo. As costas do casaco de cabedal manchado de sangue foram golpeadas repetidas vezes. Acima do colarinho, o crânio brilha através de um couro cabeludo depilado e tatuado.

Reconhece a tatuagem de imediato. Apenas Jocke Brolenius tem «Vai para o Inferno» tatuado na parte de trás do pescoço.

A luz do telemóvel apaga-se.

Olha em redor e põe-se à escuta, mas nada se ouve naquele silêncio sepulcral. O espaço parece estar vazio, à exceção de Jocke, um homem

por quem Pulli sentia uma profunda aversão, mas que não queria ver morto, nem pouco mais ou menos. Ou pelo menos não já.

Agacha-se e pega no casaco de cabedal para virar o pesado corpo. O rosto está deformado e ensanguentado, a boca, aberta. Pulli pressiona dois dedos na artéria do pescoço de Jocke, mas tira a mão de imediato. Ainda que o pescoço esteja quente, está também macio e mole, como uma esponja húmida e lacerada.

É então que vê a soqueira no chão. A sua soqueira. Como raio teria lá ido parar?

É invadido pela percepção de algo terrível. Muita gente sabia daquele encontro, e ainda mais gente o vira a partir para lá. Demasiada gente sabia que a soqueira estava pendurada na parede do seu estúdio. E agora tem o sangue de Jocke nas mãos, na roupa e nas botas.

Alguém o tentou incriminar. Foi tramado por um cretino qualquer.

Pulli estás prestes a pegar na soqueira e fugir dali, mas detém-se. *Tocaste no corpo, pensa ele. As tuas impressões digitais estão no casaco dele. Não piores ainda mais uma péssima situação.*

Volta a pegar no telemóvel. Com dedos manchados de sangue, digita o número dos serviços de emergência para ligar à polícia. *Tu sabes o que realmente aconteceu, diz para si próprio. Conta-lhes a verdade e tudo vai correr bem. Nada tens a temer.*

Parte I

VINTE E DOIS MESES MAIS TARDE

É sempre o mesmo grito.

Henning Juul pisca os olhos e procura desajeitadamente o interruptor. O lençol está húmido e o ar treme do calor. Percorre as cicatrizes da cara e do pescoço com dedos pegajosos. A sua cabeça lateja com o ritmo grave que vem de uma janela aberta em Steenstrupsgate. À distância, uma mota ruge quando se faz à estrada, e depois novamente o silêncio. Como o rufar de tambores antes de uma execução.

Henning respira fundo e tenta reprimir o sonho que ainda parece demasiado real e se recusa a ir embora. Começou como um sonho bom. Tinham ido brincar para a rua, ele e Jonas. Uma densa camada de neve cobrira o piso de um dia para o outro. No entroncamento junto ao parque Birkelunden, os carris do elétrico estavam reduzidos a linhas prateadas retilíneas que mal se viam. Os densos flocos de neve ainda dançavam no ar, mas derretiam mal aterravam na face de Henning.

Ele empurrava Jonas no trenó pela Toftesgate abaixo, rumo ao parque Sofienberg, onde as crianças pareciam formigas na pequena encosta que descia da igreja. Jonas atirava-se energicamente de um lado para o outro. Henning sentia-se exausto quando alcançaram finalmente o topo da encosta. Estava prestes a sentar-se na traseira do trenó quando Jonas o impediu.

— Tu não, papá! Só eu!

— Está bem. Mas sabes que isso significa que tens de trazer o trenó sozinho para cima.

— Sim, sim...

— Prometes?

— Siiim! — Henning sabia que os húmidos flocos de neve tinham uma esperança de vida superior à promessa que Jonas acabara de fazer, mas não se importou com isso. — Empurra-me, quero ir muuuito depressa!

— Está bem. Segura-te bem. Contamos até três.

— UM! DOIS! Eeeee TRÊÊÊS! — contaram em uníssono.

Henning deu um valente empurrão a Jonas. Ouviu o rapaz guinchar de alegria e reparou que as outras crianças também o observavam, apreciando o que viam — o menino de gorro de malha azul-clara que resvalava rumo a uma rampa que alguém construía a meio da encosta. Jonas alcançou-a, ganhou alguma altura, aterrou rapidamente e gritou ao virar o volante para evitar bater numa rapariga que aparecia pelo lado. Ela virou-se e seguiu Jonas com o olhar enquanto ele virava cada vez mais para a esquerda. Em direção à árvore.

Henning também a viu, e viu para onde se dirigia Jonas, com as suas mãozinhas agarradas ao volante. Henning começou a correr encosta abaixo, mas perdeu o equilíbrio. Tropeçou e rebolou um par de vezes antes de conseguir pôr-se novamente de pé.

Os flocos de neve, as vozes e o barulho desvaneceram-se no momento em que Henning articulou um grito. Mas não lhe saiu qualquer som da boca. Olhava desesperado, enquanto os outros pais, que também observavam Jonas, não arredavam pé e nada faziam para o ajudar. Acabou por fechar os olhos. Não queria ver o que estava prestes a acontecer. Não queria ver o filho morrer. Outra vez, não.

Jonas desaparecera. Tal como a colina, a neve, as árvores e as pessoas. Tudo escurecia em seu redor. O inconfundível odor a fumo pungia-lhe o nariz. Ainda que não conseguisse ver o filho, ouvia bem os seus gritos. Henning agitava os braços num frenesi para esculpir um buraco na escuridão que ondulava à sua frente, mas não fazia diferença. O calor intenso queimava-lhe o rosto. Respirar tornava-se difícil, pelo que começou a tossir.

Uma luz tornou-se visível na densidade do fumo. Piscou os olhos e concentrou-se naquela clareira que ficava cada vez maior; via uma porta a ser engolida pelas chamas. Voltou a tossir. Depois a abertura começou a fechar e o fumo cobriu-a por inteiro. Estava um calor infernal, e escuro como breu. Foi então que Jonas começou a gritar. Outra vez.

Henning suspira quando vê a luz vermelha intermitente. O seu olhar procura o outro detetor de incêndios no teto. Espera que emita o indicador cíclico de boa saúde. Mas o tempo passa. Passam segundos e mais segundos. Ele sente um aperto a subir-lhe pelo peito e a espalhar-se-lhe

pelos ombros e pelo pescoço. No último momento, o detetor de incêndios acende-se. Uma cintilação vermelha brevíssima.

Volta a afundar-se na almofada e expira enquanto espera que o monstro que tem no peito se acalme. Acaba por recobrar o ritmo. Volta a tocar nas cicatrizes do rosto. Ainda lhe doem, não só no exterior. Ele sabe que continuarão a doer até que descubra quem pegou fogo ao seu apartamento. Quem ceifou a vida do melhor menino que existia no mundo.

Henning vira-se para o relógio na mesa da cabeceira. Ainda não são 22h30. A dor de cabeça que o fez deitar-se há uma hora e meia ainda lateja. Massaja as têmporas enquanto se arrasta até à cozinha e tira a última lata de *Coca-Cola* do frigorífico. Já na sala de estar, arruma a roupa e os jornais que estão no sofá, senta-se e abre a lata. O som das bolhinhas a chegar à superfície dá-lhe sono. Fecha os olhos e anseia por um sonho sem flocos de neve.

2

— **Vão cá ficar mais quanto tempo?** Quero ir para casa.

Gunhild Dokken debruça-se sobre o balcão e olha para a sala. Uma música de Jokke & Valentinerne sai em alto volume das colunas. Geir Grønningen está deitado num banco, levantando 135 quilos do peito enquanto solta gemidos. Atrás dele, diante do espelho, um homem baixo e robusto orienta o movimento da barra de pesos com as mãos — sem o ajudar.

— Só temos de fazer mais alguns exercícios — diz Petter Holte, sem tirar os olhos da barra.

Dokken vira-se para trás e olha para o relógio de parede. Marca 22h45.

— Pessoal, é sexta-feira, pelo amor de Deus. Já são quase onze da noite. Não têm nada melhor para fazer?

Nenhum dos homens responde.

— Vá, mais um esforço — diz Per Ola Heggelund, que está de pé com os braços cruzados sobre o peito na extremidade do banco. Grønningen quase ergueu a barra por cima da cabeça. Holte segura cuidadosamente a barra e apoia as mãos trementes de Grønningen.

— Mais uma vez — diz ele. — Consegues mais uma.

Grønningen respira fundo, baixa a barra até ao peito e empurra com a força que lhe resta. Os seus músculos tremem enquanto Holte o deixa ganhar cada milímetro, até que aqueles quilos todos sejam levantados e Grønningen possa voltar a pousar a barra no suporte bifurcado. Faz um esgar e flete os peitorais, coça a sua esparsa barba e afasta o seu longo e liso cabelo do rosto.

— Bom trabalho — diz Heggelund, acenando com a cabeça em jeito de aprovação. Grønningen lança-lhe um olhar mal-humorado.

— Bom? Foi uma porcaria. Costumo fazer muito melhor do que isto.

Heggelund olha com nervosismo para Holte, mas tudo o que recebe de volta é uma expressão amarga. Holte desaperta o seu cinto de musculação enquanto se observa ao espelho. A cabeça rapada — como o resto do seu corpo — tem aquele bronzeado acentuado de quem adormece numa espreguiçadeira ao sol. Ajusta ligeiramente as luvas pretas, observa os músculos sob a apertada camisola interior branca, acena com satisfação enquanto os retesa e vê os contornos dos bíceps ficarem mais pronunciados. Puxa as suas calças da *Better Bodies* para cima antes de se dirigir à receção, atrás da qual uma Gunhild Dokken de ar aborrecido, com a franja a cobrir-lhe os olhos, folheia uma revista.

— Tens planos para hoje à noite? — pergunta Holte, parando à sua frente. Di-lo num tom brando e esperançoso.

— Vou para casa — responde ela, sem erguer o olhar.

Holte assente lentamente com a cabeça enquanto olha para ela.

— Queres companhia?

— Não — responde, inequivocamente.

Holte começa a ficar agitado.

— Combinaste alguma coisa com alguém?

— Não tens nada que ver com isso — irrita-se Dokken.

Após uma breve pausa, Holte vira-se para Grønningen, que lhe faz um aceno de encorajamento.

— Só estamos cá nós — diz Holte. — Se quiseres, posso fechar isto por ti.

Dokken fecha a revista com força.

— Não me podias ter dito isso mais cedo? Enquanto ainda havia parte da noite livre?

— Sim, mas eu...

O desânimo atinge o rosto de Holte enquanto olha para o chão.

— Está bem — murmura ela, algo rabugenta. — Sabes onde estão as chaves. — Dokken dirige-se a um bengaleiro e veste um casaco preto de malha fina. Guarda o telemóvel na mala e leva a alça ao ombro.

— Não treinem demais.

— Só voltamos a treinar no domingo.

— Uau! — diz ela, revirando os olhos. — Um dia de folga.

Holte sorri e segue-a com os olhos até à porta. Uma campainha por cima da porta dá sinal antes de esta ser fechada com firmeza. A mulher desaparece na noite. Holte abana a cabeça, quase de forma impercetível,

antes de ir para trás do balcão, onde interrompe a música e tira da prateleira um disco dos Metallica, *And Justice for All*. Seleciona a oitava música, *To Live Is to Die*, aumenta o volume e avança para o meio da canção.

— Ainda não tiveste sorte? — Heggelund sorri quando Holte regressa. Este olha para ele, mas não lhe dá resposta. Em vez disso, pergunta quem é o próximo.

— O Heggis — responde Grønningen, olhando para Heggelund.

— Sim, eu mesmo — replica Heggelund com alegria. Dirige-se à barra e tira 15 quilos de cada lado. A seguir, senta-se no banco e respira fundo duas vezes antes de se deitar. Encontra os locais da barra onde coloca sempre os dedos do meio. Volta a sentir ar nos pulmões. Holte volta para trás dele enquanto James Hetfield proclama: «When a man lies, he murders some part of the world¹».

Heggelund levanta a barra do suporte. Os pesos chocam um contra o outro antes de ele baixar a barra e voltar a levantá-la. O primeiro levantamento não apresenta quaisquer problemas. Tenta estabelecer um ritmo regular, e a repetição seguinte também é suave. Volvidos dois levantamentos, os seus grunhidos tornam-se mais agressivos. Holte endireita as costas e assegura que as pernas ficam equilibradas antes de pôr as mãos sob a barra, pronto a ajudar. Olha para Grønningen, que acena com a cabeça enquanto se aproxima. Nas colunas, os Metallica lançam-se naquele *riff* agressivo que abre a *Dyers Eve*.

Heggelund fecha os olhos e apela a toda a energia para a repetição seguinte, mas a barra recusa-se a sair do sítio. Abre os olhos. As mãos de Holte moveram-se da parte de baixo para a parte de cima da barra. Grønningen está de pé junto ao banco. Senta-se escarranchado sobre a barriga de Heggelund. Este resmungua a plenos pulmões. Holte empurra a barra para baixo e deixa-a pairar a poucos centímetros da maçã de Adão de Heggelund, cujo olhar se enche de pânico.

— Mas... mas o que...

— Há quanto tempo cá vens? — pergunta-lhe Grønningen. — Dois meses? Dois e meio, talvez?

Heggelund tenta dizer qualquer coisa, mas dedica toda a sua força a manter a barra afastada da garganta.

¹ Pode traduzir-se por: «Quando um homem mente, mata uma parte do mundo.» [N. T.]

— Achas que somos idiotas? — diz Holte, olhando-o fixamente. — Achas que deixamos alguém fazer exercício connosco sem averiguar-mos tudo sobre ele? — Heggelund apenas consegue soltar uns sons gorgolejantes. — Tens-nos mentido — continua Holte, por entre dentes. — Andas a gozar com a nossa cara. Achas mesmo que não íamos descobrir que comesas a tua formação na Academia de Polícia no outono?

Heggelund arregala ainda mais os olhos.

— Qual é a tua intenção? — prossegue Grønningen. — Tens visto demasiada televisão? Pensas que seria um bom ponto de partida? Como se andasses à paisana?

— Não pode ser! — interrompe Holte. — Ninguém se mete assim connosco!

— Por favor — suplica Heggelund, com os braços a tremer. Holte empurra a barra para baixo até o metal fazer contacto com a pele de Heggelund. Os seus olhos quase fazem faísca.

— Então e achas que vais cá voltar? — pergunta Grønningen.

Heggelund estreita os olhos e tenta abanar a cabeça em negação. As lágrimas misturam-se com as gotas de suor na cara.

— Vais falar com alguém sobre isto? — sibila Holte.

Heggelund tenta, mais uma vez, abanar a cabeça. Grønningen olha um momento para ele antes de o largar e acenar para Holte. Heggelund mal consegue respirar, mas Holte não tira a barra.

— Petter! — exclama Grønningen. Holte levanta a barra com relutância, auxiliado pelo pouco que resta da força de Heggelund. Volta a colocá-la no suporte. Dá meia-volta e pega numa toalha enquanto resmungo de desprezo. Grønningen puxa-o para o lado. — Podias tê-lo matado — murmura. Holte não lhe dá resposta, apenas olha para Heggelund, que respira a custo. Tem as faces manchadas de lágrimas, e as pálpebras, pesadas. — Isto já é demais — afirma Grønningen. — Já te esqueceste de tudo o que o Tore nos ensinou?

Holte continua sem dar resposta, limitando-se a afastar-se um pouco. Heggelund senta-se discretamente enquanto a voz de James Hetfield ruge do sistema de som. Grønningen dá meia-volta e volta a dirigir-se a Heggelund, ainda agarrado à garganta. Espera que estabeleçam contacto visual antes de acenar com a cabeça na direção da porta. A custo, Heggelund levanta-se e cambaleia até à saída, onde o nome do ginásio brilha com letras da cor do sangue: Treino de Combate.

3

Uma luz forte faz Henning pestanejar. Sente os olhos irritados. Esfrega-os para afastar o sono e sente uma dor na região lombar.

Senta-se lentamente. A *Coca-Cola* na mesa de centro já não está fresca, mas dá um gole na mesma, deixando-a efervescer na boca. Lá fora, os tons azuis do céu fundem-se uns com os outros. Ele deixa entrar o vento quente de verão por uma janela da sala de estar. Uma andorinha chilreia, mas não obtém resposta. Atrás do edifício do outro lado da rua uma grua amarela roça as copas das árvores.

Henning vai até ao quarto, tira dois comprimidos da embalagem que está na mesa de cabeceira e engole-os em seco antes de ir até à cozinha, onde olha para uma caótica pilha de jornais e folhas impressas na mesa. Senta-se diante do portátil, embatendo contra uma das pernas da mesa, como é costume, e agita uma chávena com restos de café frio com anéis castanho-escuros no interior. Liga o portátil e é recebido por uma versão antiga da página inicial do 123notícias, antes de fazer a atualização automática. Henning lê a história principal, desloca a página para baixo e fica a saber que pouco aconteceu de um dia para o outro. Vagas de calor pela Europa. A Rússia pensa que o Irão terá em breve capacidade de desenvolver uma bomba nuclear. Duas pessoas gravemente feridas num acidente rodoviário em Hedmark. Uma miúda qualquer que já havia visto, mas cujo nome não recorda, fartou-se dos seus seios de silicone.

Henning verifica também os sites da concorrência, ainda que não saiba por que razão se há de importar, pois é uma perda de tempo. São as mesmas notícias em todo o lado. Mas é assim que começa o seu dia. E era o que costumava fazer antes de Jonas morrer.

Em breve fará dois anos, pensa Henning. Para a maioria das pessoas, dois anos é uma eternidade de momentos e memórias empilhados uns em cima dos outros. Para ele não é tempo nenhum. Não conseguiu

desvendar uma única pista. Teria sido muito mais fácil se ao menos conseguisse recordar alguma coisa, qualquer coisa, dos dias e das semanas anteriores ao incêndio.

O rosto de Mikael Vollan olha fixamente para ele do topo da pilha. Mikael Vollan, o homem que bombardeou negócios e indivíduos com 153 milhões de e-mails fraudulentos enviados através de contas que criava com identidades falsas. Vollan publicitava esquemas em pirâmide e outros embustes para levar as pessoas a pagarem por algo inexistente. Henning ficou tão farto de receber todo aquele spam que decidiu averiguar quem estava por detrás daquilo e o que ganhavam com isso. Trabalhando lado a lado com *6tiermes7* (fonte policial anónima de Henning) e o seu bom amigo e mestre informático Atle Abelsen, acabou por conseguir deslindar a rede de Vollan. Quando as peças mais importantes foram encaixadas, Henning entregou o seu ficheiro à Autoridade de Regulamentação do Jogo, à Autoridade Nacional para a Investigação e Acusação de Crimes Económicos e Ambientais e, mais tarde, à Kripas, a Unidade de Crimes Graves norueguesa, em troca de uma vantagem de um par de horas antes de o longo braço da lei entrar em ação. Vollan acabou por ser condenado a sete anos de prisão, sendo também obrigado a pagar uma indemnização.

Henning observa mais uma vez as folhas impressas, antes de as afastar com um suspiro. No tribunal, Vollan tanto expressara arrependimento como alívio: ficara contente por alguém o ter finalmente travado. Tornara-se uma obsessão, pelo menos fora assim que o descrevera.

A Vollan, não lhe teria sobrado, certamente, dinheiro para contratar um assassino com o intuito de eliminar Henning. Ou Jonas.

Cansado, Henning esfrega a cara. *Alguma coisa irá aparecer*, diz para si. *Tem de ser.*

4

Tore Pulli costumava gostar de se ver ao espelho. O cabelo muito curto. Uns olhos azuis brilhantes. Um nariz proeminente. A barba farta e bem aparada. O queixo pontiagudo que nunca ninguém conseguia esmurrar sem ter o seu próprio queixo esmurrado de seguida. Os fios de ouro à volta do pescoço. As roupas apertadas. Ele adorava ver como os músculos ficavam salientes, como as veias inchavam sob a pele bronzeada e tatuada. Nunca ninguém tinha dúvidas de que Tore Pulli era um tipo com quem não se queriam meter.

Mas não é isso que ele vê agora. As roupas já não lhe assentam tão bem como outrora. Aquilo que fora um corpo compacto, temido e venerado, nada mais é do que uma memória distante.

Pulli abre a torneira e deixa a água correr até ficar fria, antes de se curvar e mergulhar a cara nas suas mãos frias e molhadas. Esfrega os olhos, arrastando os dedos nas faces, na testa, nas rugas e na careca antes de se secar com uma toalha branca. *Estás pronto?*, pergunta-se ao espelho. *Vais mesmo avançar com isto?*

Veronica observa-o da fotografia no quadro de cortiça. Olha-o diretamente, como sempre, com o seu adorável e jovial sorriso. E, como sempre, ele pergunta-se como consegue ela continuar.

Pulli senta-se na estreita cama de pinho, repousa os cotovelos nos joelhos e apoia as mãos em concha sob o queixo. O seu olhar vagueia para o transbordante caixote de lixo no chão cinzento de linóleo. Num banco à sua frente, um cinzeiro, um isqueiro e um comando. Os seus melhores amigos. As quatro paredes — as suas maiores inimigas — cercam-no.

Levanta-se com determinação e sai, para um corredor quase tão comprido quanto um campo de beisebol, só que mais estreito e com mesas e bancos e cadeiras, colocados de cada um dos lados de densas linhas amarelas. Acena brevemente para o guarda numa cabine de

vidro blindado, aponta para um telefone e recebe um aceno de volta antes de avançar, com relutância, para uma mesa do outro lado da sala. Está um telefone cinzento sobre uma toalha de plástico encarnada. Pilhas de papel branco, envelopes e formulários junto ao telefone. Pulli olha para o relógio de parede. Vinte minutos no máximo.

Levanta o auscultador e pousa-o novamente. *Fizeste tudo o que podias fazer?*, interroga-se. *Não haverá mesmo mais ninguém que te possa ajudar?*

Não. Não lhe restam mais opções.

5

As costas de Henning estão encharcadas de suor no momento em que para na esquina junto ao café Con Bar. Do outro lado da estrada, o parque Vaterlands estende-se como um pulmão entre o hotel Oslo Plaza e a movimentada estrada principal para Grønland. Ali perto, um fluxo constante de pessoas apressa-se pela calçada irregular. O trânsito ruge de fúria.

Henning tira o casaco, que já viu melhores dias, e encontra uma mesa vazia. Se Erling Ophus não tivesse insistido em encontrarem-se no centro, e de preferência perto do seu antigo local de trabalho, Henning nunca teria escolhido sentar-se num sítio por onde as pessoas passam apressadamente.

Henning entrevistara Ophus várias vezes, mas nunca se haviam encontrado pessoalmente. Quando Ophus aparecia num local do crime, as chamadas costumavam já estar apagadas e os jornalistas já tinham ido para casa para escrever as suas notícias. Henning ficou surpreendido por ele ter concordado em encontrar-se consigo a um sábado, em vez de usufruir da sua calma reforma em Leirsund.

Henning avista Ophus pouco depois do outro lado da estrada. O investigador de incêndios já reformado espera sabiamente pela luz verde antes de atravessar. Henning levanta-se, avança alguns passos na sua direção e estende-lhe a mão. Aquele homem alto e emproado, com uma camisola branca de mangas curtas e calças azul-escuras, sorri e aperta-lhe a mão com firmeza.

— Olá — diz Henning. — Obrigado por ter vindo.

— Não, obrigado eu. A minha mulher fez planos para passarmos o dia de gatas no canteiro de flores, e o senhor deu-me uma boa desculpa para vir à cidade e quiçá até pôr a conversa em dia com velhos colegas mais tarde. Isto é, se eles estiverem no trabalho.

Ophus sorri e solta a mão de Henning. Aponta para uma cadeira no lado oposto da mesa e sentam-se.

Ophus parece ter acabado de fazer uma caminhada pela montanha, ainda que com mais energia do que quando a iniciou. A pele do seu rosto está viçosa e bem barbeada, com aquele brilho cálido de verão. As rugas da testa são ondulantes e profundas. Tem um sinal distinto na face esquerda, mas o rosto seria mais pobre sem ele.

Um empregado de mesa de cabelo achatado e com grandes papos nos olhos dirige-se a eles.

— Quer beber alguma coisa? — pergunta Henning ao seu convidado.

— Um café, se puder ser.

— Dois cafês — diz Henning ao empregado, que dá de imediato meia-volta sem dizer uma única palavra. Henning pega no seu novo telemóvel.

— Importa-se que grave a nossa conversa?

— Não, não, por mim tudo bem.

Henning carrega no botão vermelho ao centro do ecrã e verifica se começa a gravar.

— Como já lhe expliquei ao telefone — aclara a voz —, ando a trabalhar neste caso.

— Sim, deduzi que sim.

Henning está prestes a fazer a primeira pergunta quando o telemóvel começa a tocar.

— Peço desculpa, tenho de...

— Não faz mal — diz Ophus, levantando as mãos.

Henning olha para o número. «Desconhecido». Ignora a chamada.

— Recomeçamos. — Sorri. — Portanto, trabalhou a vida inteira como investigador de incêndios?

— Isso mesmo — diz Ophus, com orgulho. — Acho que investiguei mais casos do que qualquer outra pessoa na Noruega. As seguradoras estavam ansiosas por ficar comigo quando me reformasse, mas assim que decidi que era o momento certo para parar, quis parar por completo... Ainda que deva admitir que começo a arrependê-me dessa decisão.

— Demasiada monda?

Ophus assente com a cabeça e sorri enquanto aceita a estrepitante chávena de porcelana do ensonado empregado de mesa.

— Qual é a causa mais comum dos incêndios domésticos?

— Negligência — responde Ophus, sorvendo avidamente o seu café. — Cerca de um em cada quatro incêndios começa com chamas

descobertas, cigarros e velas. As pessoas são pouco cuidadosas com as cinzas. Não lhes passa pela cabeça que ainda pode estar algo a arder depois de as chamas se terem reduzido a cinzas. Depois há aqueles que brincam com isqueiros — e, claro, com fogo de artifício. Coisas do género — Ophus gesticula. — Há um número considerável de incêndios provocado por pessoas que põem uma chaleira ao lume a seco, ou que sobreaquecem um forno, ou ainda aqueles que cobrem aquecedores elétricos. Hoje em dia todos temos demasiados artigos elétricos, e a qualidade varia imenso. Cerca de 20 por cento dos incêndios são provocados por artigos elétricos defeituosos.

— Então e fogo posto? — pergunta Henning, debruçando-se sobre a mesa.

— Quase 10 por cento dos fogos começam deliberadamente. Nunca conseguimos identificar a causa de cerca do dobro desse número. Mas também há incêndios provocados por raios ou por pessoas que se imolam.

Henning toma uma breve nota no bloco que tem à frente.

— É difícil investigar um incêndio?

— Sim, bastante. Na maioria dos casos, o fogo destrói quaisquer provas que pudessem existir. Além disso, até o mais experiente investigador nunca deixa de aprender.

— E a polícia é obrigada por lei a investigar todos os incêndios, certo?

— Sim, é.

O telemóvel de Henning volta a tocar. Ele repara que o número é novamente desconhecido, mas continua a ignorar a chamada.

— E como fazem isso?

— Hum?

— Como é que a polícia investiga os incêndios?

— Há uma regra.

— E qual é essa regra?

Ophus sorri e afirma:

— Provas, Análise, Avaliação, Eliminação e Aplicação.

Henning sorri.

— Quanto tempo demorou a conceber isso?

— Semanas. Não. Meses! — Ophus volta a sorrir.

O silêncio cai sobre a mesa enquanto Ophus bebe o café. Henning olha para os seus apontamentos.

— Portanto, cerca de 10 por cento dos incêndios são fogo posto?

— Sim, por volta de 10 por cento.

Henning assente com a cabeça. Sente as cicatrizes do rosto a arder, como se estivessem a ser lambidas por chamas. Levanta lentamente o olhar para Ophus.

— Houve um incêndio no meu apartamento há dois anos — diz Henning, baixando novamente o olhar. — Perdi o meu filho.

— Isso é terrível.

— Foi assim que fiquei com isto. — Henning aponta para as cicatrizes. — Tive de saltar por uma parede em chamas para chegar ao meu filho, mas... — não consegue terminar a frase. Nunca consegue. — Acho que o fogo foi ateadado de forma deliberada.

— O que o faz pensar isso? — pergunta Ophus, após sorver ruidosamente o seu café. Henning retrai-se. Tem perfeita consciência de que o seu argumento é débil em provas.

— Na verdade, não sei. É um palpito, um pressentimento, chame-lhe o que quiser. E depois há... — Henning interrompe-se, achando que não vale a pena contar os seus sonhos e as imagens que eles lhe mostram a um homem como Ophus. Abana ligeiramente a cabeça. — É apenas algo em que acredito.

Ophus assente enquanto leva a chávena aos lábios.

— Quando é que isso aconteceu?

— No dia 11 de setembro de 2007.

— Já estava reformado, lamento. — Henning lança-lhe um olhar de desalento antes de baixar a cabeça. — O que disse a polícia? Presumo que investigaram o incêndio, certo?

Ophus fita-o sobre o rebordo da chávena e semicerra os olhos.

— Sim — responde Henning. — E concluíram que a causa do incêndio era desconhecida.

— Mas acredita que foi ateadado deliberadamente?

Henning tenta endireitar-se, mas curva-se de imediato como que a abraçar-se.

— Não faço ideia de como pode ter acontecido — admite.

Ophus dá um último gole no café e poussa a chávena ruidosamente.

— O que dizia o relatório da polícia?

— Nunca o vi, mas ouvi dizer que concluíram que é provável que o fogo tenha começado na entrada.

— E começou enquanto estava em casa?

— Sim.

— Algum sinal de arrombamento?

— Não sei dizer.

— Trancou a porta?

— Não me lembro. Não tenho memória de nada que tenha acontecido nos dias e nas semanas anteriores ao incêndio. Mas acho que sim. Costumava trancar a porta, mesmo que estivesse em casa durante o dia, mas não me lembro se a tranquei nessa noite.

— Não tinha detetores de incêndio instalados?

O ritmo das perguntas de Ophus e das respostas de Henning amaina. As pedras da calçada olham-no à laia de recriminação.

— Tinha um, mas estava sem bateria, e eu... — Henning tenta erguer o olhar enquanto bebe a sua bebida.

— E a polícia não encontrou quaisquer pegadas ou impressões digitais, alguma prova, ADN...? — Henning nega com a cabeça. — Ainda assim, acredita que alguém ateou um incêndio na sua casa?

— Sim.

Ophus recosta-se na sua cadeira. Naquele momento, o telemóvel de Henning toca pela terceira vez. «Desconhecido»

— Peço desculpa, eu...

— Força, atenda a chamada. Não estou com pressa.

— Não há mesmo problema? Tem a certeza?

— Sim, absoluta. Não me importo.

— Obrigado, eu...

Henning acena com a mão sem saber bem porquê. Ophus acena com a cabeça por simpatia. Henning atende a chamada.

— Henning Juul?

— Sim?

— Henning Juul, o jornalista?

— Sim, é o próprio. Quem fala?

— O meu nome é Tore Pulli. — Henning endireita-se e diz olá. — Lembra-se de mim?

— Sei quem é. Do que se trata? — Pulli não responde. Henning humedece os lábios no silêncio que se segue. — Porque é que me está a ligar? — pergunta.

— Tenho uma notícia para si — diz Pulli.

— Que género de notícia?

— Não posso contar ao telefone.

— Está bem. Ouça, gostava de falar consigo, mas de momento estou um pouco ocupado. Pode ligar mais tarde? De preferência no horário laboral?

— Não posso...

— Ótimo — interrompe-o Henning. — Muito obrigado. — Desliga a chamada e sorri para Ophus, que observa o trânsito cada vez mais intenso. Henning suspira profundamente. — Peço imensa desculpa — diz, recebendo mais um sorriso compreensivo.

— Mas voltemos à nossa conversa — diz Ophus, olhando para Henning. — Tenho de ser franco consigo. Se a investigação policial não fez quaisquer progressos em dois anos, há muito pouco que possa ser feito agora. Está fora de questão encontrar novas provas. Presumo que o seu apartamento tenha sido demolido ou renovado após o incêndio?

— Sim.

— Então já não há mais provas. E existem muitas maneiras de pegar fogo a um apartamento que são impossíveis de detetar. Infelizmente. — Henning assente com a cabeça. Ficam a olhar um para o outro até que Henning desvia o olhar. Ele sabe que tem de encontrar a pessoa ou pessoas que pegaram fogo ao seu apartamento e obrigá-las a admiti-lo. É a única coisa que o poderá satisfazer. O seu olhar vagueia para o cruzamento. — Acha, portanto, que alguém o queria apanhar? Matá-lo?

— Sim.

— Porquê?

— Bem, eis o busílis da questão. Não sei. Nem sei por onde começar.

— E isso aconteceu há dois anos?

— Mais coisa, menos coisa.

Ophus olha longamente para Henning.

— Não acha que fariam uma segunda tentativa?

— O que quer dizer com isso?

— Alguém o tentou matar desde então?

— Não, pelo menos que eu tivesse reparado.

Ophus não dá resposta, mas Henning percebe, ainda assim, aquilo que lhe vai na cabeça. *Dava-lhe jeito que fosse fogo posto, não é? Para que possa culpar outra pessoa além de si?*

Ambos ouvem o trânsito. Ophus acaba por dizer:

— Creio que não há muito que possa fazer para o ajudar.

— Era isso que eu temia — diz Henning, por entre dentes.

— Disse que não leu o relatório policial. Talvez haja lá qualquer coisa que lhe possa ser útil? Se quiser, pode ser que lhe consiga uma cópia.

— Não sei se fará diferença, mas... porque não?

— Eles devem-me um favor. Vou ver o que consigo fazer.

— Muito obrigado. Ficar-lhe-ia mesmo grato. — Ophus endireita-se, mas Henning sabe que ele ainda tem os olhos presos em si. Não consegue encará-lo, pelo que diz, sem erguer a cabeça: — Ophus, não quero fazê-lo perder mais tempo do que o necessário. Muito obrigado por se encontrar comigo.

— Ora essa. Está à vontade para me contactar se se lembrar de mais alguma coisa.

Henning sorri e anui. Apertam as mãos, antes de Ophus se levantar e dirigir para o cruzamento. Passa por um homem encostado a uma parede pintada de branco a fumar um cigarro, enrolado à mão, com o lume quase apagado.

Ørjan Mjønes pressiona a testa contra a janela do avião da United Airlines e observa a cidade de Oslo. Árvores verdes rodeiam o restaurante Ekeberg na encosta oriental da cidade. Mais perto do centro, as pessoas deitam-se a tomar banhos de sol na relva em Fjordbyen. O telhado do teatro de ópera brilha como um banco de gelo ao sol. Por baixo da barrega do avião, as torres de tijolo vermelho da câmara municipal sobressaem na sua direção como dentes podres.

O avião plana lentamente pelo ar calmo. O piloto anuncia que aterrarão dentro de alguns minutos. Mjønes fecha os olhos. Foi uma longa viagem. Uma viagem de regresso de Bogotá, fazendo escala em Newark — tanto na ida como na volta —, e não conseguiu pregar olho o tempo todo. Teve de se contentar com uma sesta de 30 minutos num banco de aeroporto enquanto esperava pela viagem de regresso a Oslo. Em breve estará há 35 horas no ar. Tem sido entusiasmante. Tem sido esgotante. Mas tem valido a pena.

Tudo começou há cinco dias, quando viu o seu nome de contacto fictício num anúncio no site finn.no. Mais tarde nesse mesmo dia, ligou ao número que constava no anúncio, e foi atendido por uma voz que não ouvia há quase dois anos. Tendo em conta a raiva que lhe entrevira na voz na última vez que falaram, Mjønes não esperava voltar a ter notícias de Langbein, mas concordaram em encontrar-se no piso inferior do parque de estacionamento subterrâneo do centro comercial de Oslo. Mjønes caminhou para oeste, até que uma voz aguda vinda de trás do pilar o mandou parar. Uma longa sombra estendeu-se pelo piso de cimento.

Mjønes obedeceu e olhou à sua volta. Ouvia pneus a chiar à distância, mas não via ninguém.

— Já lá vai muito tempo — disse, mas Langbein não deu resposta. Em vez disso, deslizou um envelope pouco maior do que A4 pelo chão na sua direção. Baixou-se, com alguma relutância, para o apanhar.

Tirou de lá uma fotografia. Havia uma cruz vermelha a cobrir a cara do homem da imagem. Mjønnes nem queria acreditar. — Só podes estar a gozar comigo.

— Não estou.

Mjønnes voltou a olhar para a fotografia, tirou uma folha de papel que estava atrás e passou os olhos pelo texto. Em seguida, abanou a cabeça e disse as palavras que raras vezes se permitia proferir.

— É impossível.

— Nada é impossível. E, se não tivesses feito asneira na última vez, este trabalho não seria necessário.

Mjønnes ia protestar, mas sabia que Langbein tinha razão. Vivia assombrado por esse incidente. Os erros eram maus para a sua reputação. Ainda assim, disse:

— É demasiado arriscado.

O rumo da conversa apanhou-o inteiramente de surpresa.

— No meu escritório está um envelope idêntico a esse. Com uma única exceção. Também contém uma fotografia tua.

— Minha?

— Sim, tua. Se não aceites a tarefa, tornas-te a tarefa. — Mjønnes estava para contornar o pilar e confrontar Langbein, mas, ao ver um braço e o cano de uma pistola, parou abruptamente. — Se eu não estiver de regresso dentro de 15 minutos, esse envelope vai para o próximo homem na lista. Mas quero que sejas tu. Pensei que seria uma maneira apropriada de corrigires o erro que cometeste na última vez. Além disso, vais ser bem pago.

Mjønnes tentou livrar-se do choque inicial.

— Quanto?

— Dois milhões de coroas. Vinte e cinco por cento adiantado, em numerário. Recebes o resto quando terminares tudo o que ficou pendente.

Mjønnes nada disse durante algum tempo. Analisava o grau de dificuldade, as opções que tinha. Coçou a nuca e esfregou as narinas com dois dedos. Em seguida, disse:

— Faço-o por três milhões.

— De acordo — afirmou Langbein após uns segundos de silêncio.

O corpo de Mjønnes foi invadido pela adrenalina, mas não tinha tempo para a saborear. No momento seguinte, uma mala foi empurrada na sua direção.

— Tem de ser rápido e silencioso. Sem deixar rasto. Sem problemas. E, desta vez, não quero erros.

Mjønes assentiu com a cabeça. Idealmente, gostaria de ter mais tempo para planear, mas sempre fora bom a decidir depressa. Já imaginara um cenário possível, mas não teve tempo para lhe fazer mais perguntas porque logo a seguir ouviu a porta de um carro a fechar. Quando contornou o pilar, Langbein já lá não estava.

Pensou durante alguns minutos sobre aquilo que o forçavam a fazer. Langbein podia estar a fazer *bluff*, mas, mesmo antes de as ameaças e o dinheiro serem mencionados, Mjønes já havia tomado uma decisão. Era uma oportunidade para se redimir. Ser generosamente pago por isso era um bónus. Além do mais, há muito tempo que não aceitava um trabalho daquela dimensão, e já estava em pulgas. Todos os seus sentidos pareciam intensificados. Sentia-se muito mais vivo.

Cinco dias passam depressa, pensa Mjønes, enquanto se prepara para a aterragem. Tanta coisa tinha acontecido naquele período. E, ainda assim, tão pouco. Talvez seja por isso que não ande a conseguir dormir. Talvez o seu corpo não consiga relaxar até estar tudo terminado. Também não terá muito tempo para descansar quando chegar a casa. O trabalho começa dentro de umas horas. Tem de estar tudo a postos.

Volvida meia hora de o avião aterrar, já está no comboio com destino a Oslo. Pensa na pequena caixa que tem dentro da mala, no plano que engendrou. É ousado. É diabólico. No entanto, se funcionar, é puramente genial.

7

Henning olha pela janela. O silêncio preenche o espaço entre as paredes. A fachada do edifício branco do outro lado da rua está enegrecida de fuligem. O seu olhar avança, deparando-se com peitoris e decorações intrincadas. Mas ele não olha para baixo, não até ao fundo. Nunca o consegue fazer.

Por trás de uma janela sem cortinas, uma mulher anda de um lado para o outro. Fala ao telefone, gesticula furiosamente. Henning pensa na conversa com Erling Ophus. O investigador tem razão, como é óbvio. Acreditar que o incêndio foi fogo posto é sinal de desespero. Tem de haver algo que ele possa investigar. Mas o quê?

Talvez seja verdade que apenas procura uma outra explicação para que não tenha de enfrentar a realidade. Tenha ou não sido fogo posto, nada alterará o facto de que poderia ter salvado Jonas se os seus olhos não estivessem colados como pele derretida. Se não tivesse escorregado naquele corrimão molhado. Se não tivesse sido tão...

Da mesa da cozinha chega um som vibrante que o faz dar meia-volta. Não lhe apetece falar com ninguém, mas as 12 letras no ecrã despertam-lhe a curiosidade. Prime o botão verde para atender a chamada e leva o telemóvel ao ouvido.

— Agora já é oportuno?

A voz de Tore Pulli é mais grave do que Henning conseguira perceber naquela barulhenta rua em Grønland.

— Hum, sim, acho que sim, mas...

— 11 de setembro de 2007.

Henning faz uma pausa.

— O que é que disse?

— Sei o que aconteceu nesse dia. — Henning sente uma onda de calor na testa. Algo acutilante remexe-se-lhe no estômago. A garganta comprime-se-lhe. Tenta engolir em seco. — Perdeu o seu filho — continua Pulli.

— S... sim — responde Henning, num tom frágil e seco. — Perdi. O que sabe sobre isso?

— Agora já está preparado para me dar ouvidos? Agora já tem tempo para mim?

— Sim, agora já estou disponível para si — diz, desta feita bem mais relutantemente. — O que quer? Porque é que me está a falar no meu filho?

— Tenho uma notícia para si.

— Sim, já tinha dito. O que tem isso que ver com o meu filho? Henning nem se apercebera de que estava em bicos dos pés.

— Nada, pelo menos diretamente.

— O que quer dizer com isso? E deixe-se de merdas, Pulli, começo a ficar aborrecido!

— Sabe quem eu sou?

— Sim, já lho disse quando falámos antes. Porquê?

— Então talvez saiba por que razão lhe estou a ligar.

Henning dá voltas à cabeça. Não se lembra de ler nada sobre Tore Pulli desde que regressou ao trabalho no início do verão. Antes de Jonas morrer, o antigo gângster aparecia amiúde nos jornais, na maior parte das vezes com um sorriso largo na cara e por norma acompanhado pela sua glamorosa esposa.

— Não — diz Henning. Pulli começa a rir. — Qual é a graça?

— Peço desculpa, eu apenas...

Deixa a frase a pairar no ar.

— Apenas o quê?

— Então não sabe que estou dentro?

— Não.

— Está bem, presumo que tenha tido outras coisas com que se preocupar nos últimos dois anos. Mas estou a ligar-lhe porque é um bom jornalista. É bom a descobrir coisas.

— Sabe alguma coisa sobre o incêndio no meu apartamento?

Há um longo silêncio. Em seguida, Pulli responde:

— Sim.

Henning fica como que preso ao chão. A voz grave de Pulli penetra-se-lhe na cabeça. Há qualquer coisa naquela profunda seriedade. Não está a brincar.

— Está aí, Juul?

— O que sabe sobre o incêndio? — Henning exige saber e não consegue esconder a agressividade. — Foi o Tore que o ateou?

— Não.

— Então quem foi?

— Antes de falarmos sobre isso, quero que faça uma coisa por mim.

— O quê?

— É evidente que não sabe o motivo por que estou na prisão. Quando souber porquê, voltamos a conversar.

Henning, exasperado, começa a andar de um lado para o outro.

— Não pode esperar que eu...

— Apenas tenho autorização para 20 minutos de chamada por semana, Juul. Também preciso de alguns minutos com a Verónica.

— O que sabe sobre o incêndio? — grita Henning, parando diante do piano. — O que quer de mim? Porque é que me está a ligar?

Há um breve momento de silêncio enquanto Henning sustém a respiração.

— Porque quero que descubra quem me tramou — afirma Tore Pulli, lentamente. — Quero que descubra quem devia estar aqui sentado no meu lugar. Se conseguir fazer isso, conto-lhe tudo o que sei sobre o incêndio na sua casa.

Henning pousa o telemóvel, percorre o cabelo com as mãos suadas e recomeça a andar de um lado para o outro da sala. Como é que um homem como Tore Pulli sabe alguma coisa sobre o incêndio? O que sabe exatamente, e por que razão não contou nada antes?

Se não fosse o facto de Pulli estar na prisão, Henning ligaria logo de volta, interrogava-o com persistência e não largaria o osso até que todas as perguntas fossem respondidas. No entanto, não pode simplesmente dirigir-se à prisão de Oslo, bater à porta e exigir que o deixem entrar. Em primeiro lugar, Pulli tem de o acrescentar à lista de visitas, e depois Henning tem de pedir autorização de visita, e as autoridades ainda têm de verificar o seu registo criminal. Ainda que seja jornalista, conseguir uma autorização dessas pode levar dias, para não dizer semanas.

Mas dá conta que uma pergunta importante acabou de ser respondida, quiçá a mais importante de todas. Alguém sabe qualquer coisa. Afinal, parece que o incêndio pode mesmo ter sido um ato premeditado.

Abalado, senta-se diante do computador e procura o nome de Pulli no *Google*. Não se lembra da última vez que o seu coração bateu tão depressa. Passados uns breves momentos, o motor de busca lista milhares de resultados. Henning vê a identificação fotográfica de Pulli, imagens sombrias dele no exterior do Tribunal de Oslo e dentro da sala de tribunal a conversar com pessoas de que Henning apenas consegue vislumbrar as costas.

Pulli tem uma presença forte. Pescoço e ombros largos, peito enorme e bíceps do tamanho das coxas de Henning. O corpo não destoa da voz. Sombrio, grande, assustador. Nalgumas das fotografias mais antigas tinha *piercings* nas sobrancelhas, que, tal como as argolas nas orelhas, reforçavam o seu aspeto de rufia, uma aparência de que abdicou quando anunciou a sua carreira como promotor imobiliário.

Henning carrega num artigo do site dagbladet.no.

PULLI É CONDENADO A 14 ANOS DE PRISÃO E RI-SE.

Na última sexta-feira, Tore Pulli foi condenado a 14 anos de prisão pelo homicídio de Joachim «Jocke» Brolenius.

Joachim Brolenius, murmura Henning para si próprio, saboreando o nome. Nunca ouviu falar dele. Continua a ler:

O famoso promotor imobiliário Tore Pulli sorriu e abanou a cabeça de descrença quando foi sentenciado a 14 anos de prisão pelo Tribunal de Oslo, na sexta-feira de manhã, pelo homicídio de Jocke Brolenius. O seu advogado, Frode Olsvik, contou ao dagbladet.no que, embora o seu cliente tenha aceitado bem o veredito, continua a defender a sua inocência.

«O meu cliente decidiu avançar com o recurso», diz Olsvik. Isto significa uma nova audiência no tribunal de apelação. Ainda não foi designada nenhuma data para o recurso de Pulli.

Jocke Brolenius foi encontrado morto numa antiga fábrica no topo de Sandakervein, a 26 de outubro de 2007. Crê-se que o gângster sueco foi espancado com uma soqueira, antes de ser morto com um machado. Aquando da sua detenção, Pulli tinha sangue da vítima em si, e foram encontradas impressões digitais suas na soqueira.

O tribunal optou por ignorar o facto de a arma nunca ter sido encontrada, assim como a reivindicação de Pulli de que o sangue de Brolenius estava nele porque o tentara ajudar. Pulli negou sempre com veemência qualquer envolvimento no homicídio, embora admita ter combinado um encontro com Brolenius.

O juiz, ao fazer a sua fundamentação, teve em conta o seu passado de gângster, sobretudo porque o maxilar de Brolenius foi partido, uma lesão que Pulli infligia às suas vítimas quando trabalhava como cobrador de dívidas e pela qual ficou famoso. No hospital Ullevål, essa lesão em particular ficara conhecida como «golpe de Pulli», e o Instituto de Medicina Forense (IMF) descobriu que o maxilar de Brolenius apresentava uma fratura semelhante.

Além de 14 anos de prisão, Pulli foi sentenciado a pagar uma compensação de 256 821 coroas aos pais da vítima.

Henning relê o artigo. Quem seria Joachim Brolenius? Qual era a sua relação com Tore Pulli e por que razão combinaram encontrar-se?

Brolenius foi assassinado a 26 de outubro de 2007, lê Henning. Apenas seis semanas após a morte de Jonas. Àquela data, Henning estava no hospital Haukeland, e a única coisa que se lembra de fazer é de olhar para a parede. Evitava jornais, como se fossem a peste. Também evitava pessoas, tanto quanto podia.

Henning desliza até à lista de links do artigo e carrega no primeiro:

PULLI SUSPEITO DE HOMICÍDIO

O célebre Tore Pulli foi preso por suspeita de ter matado um criminoso sueco.

Henning continua a ler:

A chamada chegou por volta das 23h30 de sexta-feira. A polícia de Oslo foi chamada a uma velha fábrica onde o gângster sueco Joachim «Jocke» Brolenius foi encontrado morto. A celebridade Tore Pulli, ele próprio com um passado como gângster agressivo, alertou a polícia para o facto de ter encontrado o corpo por acaso, mas ainda assim foi preso por homicídio.

A origem e o motivo do homicídio são desconhecidos. A polícia divulgou muito pouca informação até ao momento, mas contou à TV2 que foram encontradas provas no local do crime. O comentador especialista desse canal, Johnny Brenna, que servira anteriormente como investigador na polícia de Oslo, afirma que é provável que tenha sido um ato de vingança. Recusa-se a especular sobre o que pode estar na origem do crime.

Henning encontra um artigo da Wikipédia sobre Pulli.

Tore Jørn Pulli (nascido a 19 de junho de 1967 em Tønsberg) é um célebre ex-gângster norueguês, e ex-membro de um gangue de motoqueiros, que em 2008 foi condenado pelo homicídio do gângster sueco Jocke Brolenius. Pulli tornou-se famoso na comunicação social norueguesa quando começou a namorar

com Veronica Nansen, ex-modelo e agora proprietária de uma agência de moda. Casaram em 2006. Pulli participou num episódio do concurso *Nytt på nytt*, entre outros.

Numa rara entrevista dada ao jornal *Dagens Næringsliv* na primavera de 2007, Pulli afirmou ter cobrado quase 75 milhões de coroas a clientes durante o período em que trabalhou como gângster «apenas partindo uns queixos». Nunca se referiu a si próprio como gângster, vendo-se mais como um intermediário. Antes de ser condenado por homicídio, comprava e vendia propriedades em Østlandet, com lucros consideráveis.

Henning afasta os olhos do ecrã.

— «Apenas partindo uns queixos» — repete para si mesmo. Por que razão haveria um gângster, conhecido por usar os punhos para resolver problemas, de matar alguém com um machado?

Henning dá uma vista de olhos a vários outros artigos sobre Tore Pulli. Carrega num artigo intitulado «Pulli Promete Uma Recompensa de Um Milhão de Coroas» e lê:

Tore Pulli, assassino condenado, ofereceu uma recompensa de um milhão de coroas a quem quer que avance informações que levem à sua absolvição.

— Uau! — exclama Henning. Lê outros artigos sobre o mesmo assunto, sem encontrar nada que indique uma avalanche de informações. *O que significa isso?*, interroga-se. *Decerto, alguém deve saber de alguma coisa...*

Quero que descubra quem devia estar aqui sentado no meu lugar.

Bom, isso não vai ser fácil, pensa Henning, *quando nem um milhão de coroas consegue aliciar alguém a sair da toca.* Além disso, a acusação parece ter um caso sólido. Era do conhecimento geral que Pulli convidara Brolenius para um encontro num local onde não seriam perturbados. As suas impressões digitais foram encontradas na soqueira. Ele tinha o sangue de Brolenius na roupa, e este fora espancado de uma forma que apontava para o *modus operandi* de Pulli. Quatro balas a que era difícil esquivar-se. Portanto, o que aconteceu?

Henning pega no telemóvel e telefona a Bjarne Brogeland. O inspetor atende volvidos alguns toques.

— Olá, Bjarne, daqui Henning Juul.

— Olááá! — responde Bjarne, num tom que lembra a Henning uma despedida de solteiro.

— Estás ocupado?

— Não mais do que o habitual, visto que é sábado. Estamos a caminho de Paradisbukta. Já lá estiveste?

— Hum, não.

— Uma praia adorável, água maravilhosa. Então e tu? Alguma novidade?

Henning leva o polegar e o indicador aos cantos da boca e deixa-os deslizar até ao queixo. Não falava com Brogeland desde o caso de Henriette Hagerup, a rapariga que foi apedrejada até à morte em Ekeberg no início do verão. Uma vez que Henning os ajudou a resolver o caso, sente-se no direito de pedir um ou dois favores.

— Estou a trabalhar num caso antigo.

— Isso não me surpreende, mas, pelo amor de Deus, é sábado! Nunca descansas?

— Não parece sábado — diz Henning, dando conta de que não se lembra da última vez em que distinguiu os dias da semana.

— Está um sol radioso, Henning. Vai comer um gelado. Vai apanhar ar!

— Hum. Ouve, alguma vez estiveste envolvido no caso do Tore Pulli?

Ouvem-se pelo auscultador vozes de crianças entusiasmadas ao fundo. Henning tenta ignorá-las.

— Não, naquele tempo ainda trabalhava no crime organizado. Mas porque é que queres saber isso?

Henning faz uma pausa, sem saber bem o que responder.

— Oh, apenas curiosidade.

— Contigo nunca é apenas curiosidade — troça Brogeland. — Onde é que andas a meter o nariz desta vez? Tem algo que ver com o recurso dele?

— O recurso dele? — pergunta Henning, franzindo o sobrolho.

— Sim, se não me engano, a audiência é daqui a um par de semanas.

— Ah, sim? Não, não tem nada que ver com isso. Ou, pelo menos, eu acho que não.

Henning sustém a respiração por um momento.

— O tipo é culpado — afirma Brogeland.

— Como é que sabes?

— O nome Jocke Brolenius diz-te alguma coisa?

— Diz-me qualquer coisa.

— Então é provável que saibas que ele matou o Vidar Fjell...

Vidar Fjell, pensa Henning, murmurando o nome de seguida. Soa-lhe familiar.

— Não...

— Pensei que tivesses memória fotográfica... — Brogeland faz troça dele.

— Tenho a câmara avariada.

Brogeland ri.

— É evidente que não perdeste o jeito com as palavras. Mas continuemos: o Vidar Fjell geria um ginásio chamado Treino de Combate em Vålerenga. Foi assassinado cerca de dois meses antes do Brolenius. Ou talvez mais. Pulli frequentava esse ginásio e era amigo do Fjell.

Henning tem consciência de que tem a cara a arder.

— Por que motivo foi esse Fjell assassinado?

— Não me recordo.

— Mas o Brolenius era um gângster sueco, certo?

— Sim. Os gangues suecos dominavam consideravelmente Oslo naquele tempo, mas já deves saber isso... Alisha! Não vás por aí, podias morrer se caíesses!

A voz de Brogeland desaparece momentaneamente. E subitamente Henning lembra-se do caso. Fjell foi morto pouco antes de Jonas morrer. Ele investigou o caso brevemente, mas não se lembra de quando parou de o fazer.

— Mas se o Brolenius foi morto para vingar a morte do Fjell, alguém chegou a vingar o Brolenius?

— Corria o rumor de que alguém tinha derrubado a lápide do Vidar Fjell, se não me falha a memória, mas nada mais além disso. Não creio que valesse a pena levar a cabo uma vingança assim que o Pulli fosse preso. Porque é que voltaste ao caso agora?

— Não sei se voltei.

— Mas estás a ligar-me a um sábado.

— Sim, lamento.

— Pois... Lembro-me de que o Tore Pulli tinha uma mulher. Raios...

— O que foi?

— Porque é que são sempre os maiores cretinos que ficam com as mulheres mais boas? — Henning não lhe dá resposta. — Seja como for, fala com a subcomissária Pia Nøkleby — prossegue Brogeland. — É ela que está responsável pelo caso. E, já agora, por todos os outros casos.

— Boa ideia.

— Mas, por favor, espera até segunda-feira — apressa-se Brogeland a acrescentar.

— Hum — diz Henning, terminando a chamada.

Não vai ser fácil, pensa. Homicídios e mortes por vingança em gangues quase impenetráveis, sobretudo se se for jornalista. Mas, se o Pulli está inocente, então alguém conseguiu matar o Jocke Brolenius de modo a incriminá-lo. Não foi uma tarefa simples. O assassino teria de ser desonesto e sem escrúpulos. E de certeza que esse assassino não gostaria que eu remexesse no passado.

9

Os faróis distantes de um carro veloz avançam através de troncos de árvores e lançam um manto branco sobre o outono que se aproxima. Ørjan Mjønnes segura o volante com firmeza e olha para os retrovisores para garantir que não está a ser seguido. Seria uma grande proeza, pensa, dada a velocidade a que conduz.

O relógio do GPS marca 2h15, e já lá vai algum tempo desde que saiu da estrada principal mais próxima. Um barulhento, ainda que curto, estrondo sob os pneus diz-lhe que acabou de atravessar uma cerca de gado, antes de os pneus voltarem a projetar gravilha para as bermas.

Mjønnes sabe que os outros já chegaram. Já lá vai algum tempo desde que trabalharam juntos, mas ele sabia que estariam tão prontos para a ação quanto ele. Flurim Ahmetaj está lá porque sabe tudo sobre computadores e equipamentos de vigilância, além de ter acesso fácil aos mesmos. Durim Redzeqi, porque não há ninguém melhor do que ele a entrar e sair de uma casa. E Jeton Pocoli, porque é mestre em seguir pessoas. Além disso, tem um olhar penetrante e uma figura de rebelde, o que facilita quando tiver de seduzir mulheres norueguesas. Os relatórios que até então forneceu sugerem que esses talentos poderão vir a ser úteis.

Para eles, tem sido sempre uma questão de aparecer numa mesa já posta, num plano já delineado, e fazem aquilo que lhes dizem e aquilo para que são pagos. Isso nunca foi grande motivação para Mjønnes. Ele vive para a arte. O trabalho preliminar, a recolha de informação, encaixá-la num plano maior, preparar-se para o inesperado. É nessa fase que se sente vivo. E, quando tudo corre de acordo com o plano, o seu plano, fica delirante de felicidade. O seu passatempo predileto é ler sobre si próprio no jornal, sabendo de antemão que a polícia nunca será capaz de o apanhar.

Mjønnes abranda, vira para um caminho estreito e avista um casebre vermelho cerca de duzentos metros mais à frente. Estaciona junto a duas motas e uma carrinha familiar azul-escura da BMW. Mjønnes

sorri, abana a cabeça e contempla longamente o atraente automóvel antes de sair do carro naquele parque de estacionamento improvisado. Olha para o casebre, ainda com a luz ligada e com o burburinho das conversas a inundar a noite.

Mjønes tira a transportadora e a mochila da bagageira. Dirige-se para o casebre e não se dá ao trabalho de bater à porta, pressionando o manípulo com firmeza e entrando. O braço de um homem baixo e franzino no sofá alcança rapidamente uma pistola que está sobre a mesa à sua frente. Engatilha a arma e aponta-a a Mjønes.

Dois vezes numa semana, pensa. Começa a tornar-se um hábito.

— Tranquilo, Durim, sou só eu.

Durim Redzepi olha para ele durante alguns segundos antes de baixar a pistola. Mjønes sorri e dá uns passos em frente. Estão cartas e fichas de jogo espalhadas pela mesa oval. O fumo de inúmeros cigarros suspende-se como uma teia de aranha azulada pela sala.

— Quem está a ganhar? — pergunta Mjønes, pousando a transportadora, dentro da qual um gato malhado dormita, e aproveitando para tirar a mochila das costas.

— É o Flurim quem tem mais fichas — diz Redzepi num sueco macarrónico. Um homem com uma crista vira-se para Mjønes. O seu largo sorriso revela um *piercing* prateado na língua. As atenções dos homens voltam-se para o jogo.

— Despacha-te, é a tua vez — diz Ahmetaj, com o mesmo sotaque sueco do Leste Europeu, a um homem compacto com calças de fato de treino cinzentas que está debruçado sobre a mesa enquanto pensa na próxima jogada. Vê-se-lhe a barriga peluda sob a t-shirt branca. Jeton Pocoli bate no nariz com o indicador antes de pousar duas cartas e empurrar todas as suas fichas para o centro da mesa.

— *All-in.*

Os homens à mesa olham-no com descrença.

— Estás a fazer *bluff*.

Pocoli abana a cabeça.

— Vai-te lixar! — Redzepi percorre com a mão a sua cabeça rapada, atira as cartas para a mesa, pega numa lata de cerveja do chão e leva-a aos lábios.

Ahmetaj olha para Pocoli, à procura de sinais de *bluff*. Observa-o demoradamente, antes de soltar um suspiro, olha para as fichas à sua

frente, tira uma bela parte do seu montinho e atira-a para o centro da mesa.

É jogada a última carta. O ar esperançoso de Ahmetaj dissolve-se de imediato.

— C'um catano! — resmunga, atirando as cartas para o lado. — Nunca tenho sorte.

— A sorte, ou a falta dela, não tem nada que ver com isso — diz Pocoli, comprazido, enquanto junta as fichas com um largo sorriso.

Mjønnes ri-se e dirige-se para a cozinha, no canto. Olha para a desarumada fila de latas de cerveja vazias e tira um saco de plástico de uma gaveta. As latas vão desaparecendo uma a uma dentro do saco.

— Muito bem — diz, depois de terminar de dar um ar razoavelmente arrumado ao local. — Fizeram tudo aquilo que vos pedi para fazer?

— Tens o dinheiro? — Ahmetaj não olha para ele, mas entrelaça os dedos no topo da sua crista. A crista brilha, mesmo sob a ténue luz da sala.

Mjønnes abre a mochila, tira um maço de notas e conta o dinheiro, percorrendo-o com o dedo. Cinquenta notas. Tira mais cinco maços e atira dois a cada homem.

— Se formos bem-sucedidos, voltam a receber o mesmo — diz Mjønnes, enquanto o trio conta o dinheiro à mesa.

Ahmetaj assente alegremente com a cabeça.

— Está ali o equipamento — diz, apontando para um saco preto.

— Então e o e-mail dele? O telemóvel? As contas bancárias?

— Está tudo tratado.

Mjønnes assente e olha para Pocoli.

— Há algo específico que eu precise de saber?

— Informo-te mais tarde.

— Está bem.

O olhar de Mjønnes vira-se para Redzepi.

— Estou pronto.

Mjønnes volta a assentir com a cabeça. Está tudo como tem de estar. Não vê motivos para ter de lhes explicar o plano ao pormenor, ainda que esteja em pulgas para o fazer. Eles estão a prestar um serviço. Ponto final. Ainda assim, não resiste a fazer-lhes uma antevisão.

— Porque é que trouxeste o gato? — pergunta-lhe Pocoli.

Mjønnes ri-se.

— Para ter a certeza de que não compro gato por lebre. — Mjønnes ri-se da própria piada, mas os jogadores de cartas olham-no sem expressão. — Pois, já percebi que não falam a minha língua. Mas prometo-vos que nunca viram nada igual. É bastante...

Um sorriso de satisfação nasce-lhe nos cantos da boca. Põe a mão dentro da mochila e tira de lá duas caixas idênticas, do tamanho de caixas de fósforos, que poussa sobre a mesa.

— O que é isso? — pergunta Redzepi.

Mjønnes toca na primeira caixa com o dedo indicador.

— Agulhas para *piercings* — responde.

— E a outra caixa?

Mjønnes ri-se e abre a segunda caixa.

— Não vais querer saber.

Com movimentos reverenciais, tira uma ampola selada de dentro de uma capa de plástico. Desatarraxa a tampa, tira uma agulha e mergulha-a naquele líquido transparente com todo o cuidado. Segura a agulha com o bico virado para cima. A agulha brilha.

— Quem quer ser o primeiro? — pergunta, olhando para eles antes de acenar na direção do gato. Os olhos em redor da mesa iluminam-se de imediato. Ele avalia-os um de cada vez. — O Durim — decide. Redzepi sorri e levanta-se. Mjønnes entrega-lhe a agulha. — Tem cuidado. — Redzepi dá um passo para trás e é bastante prudente a evitar o bico da agulha. — Desta vez não pode haver falhas.

Mjønnes olha-o longa e firmemente. Gotas de suor abrem caminho à força pelos poros da pele da testa de Redzepi. Ele aperta a agulha com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos.

Aproxima-se, com toda a calma, da transportadora do gato. Atrás dele, os restantes levantam-se e aproximam-se. Redzepi aparenta estar profundamente concentrado.

Abre a transportadora e olha para o animal sonolento, que mal levanta as pestanas para retribuir o olhar.

— Miau — diz Redzepi com brandura.

Depois, aponta a agulha ao pescoço do gato e espeta-a.

HÁ DORES QUE MATAM. MAS UMA DOR FANTASMA PODE SER AINDA MAIS EXCRUCIANTE.

Tore Pulli, um gângster sueco a operar no submundo de Oslo, é acusado de um crime brutal que afirma não ter cometido. Tore está determinado a provar a sua inocência, o que o leva a contactar Henning Juul, um repórter criminal que regressou ao trabalho dois anos após o incêndio que lhe deixou lesões e lhe vitimou o filho. Se Henning ajudar Tore a provar a sua inocência, este garante que lhe dará informações relativamente ao trágico incêndio.

Algumas semanas depois, Tore é morto na prisão. Agora, mais do que nunca, Henning quer descobrir a verdade e fazer justiça, tanto para Tore como para si próprio. Ao iniciar a investigação, rapidamente percebe que a vida de várias pessoas está em risco, incluindo a sua.

À medida que os acontecimentos vão seguindo um rumo mortal, o repórter vê-se no rasto de uma perigosa rede criminosa internacional. Mas Henning está disposto a tudo para resolver o mistério da morte do seu filho. Uma perda que lhe dói como se tivesse sido privado da parte mais importante de si.

«Uma história sombria e habilmente construída.»

Kirkus Reviews

LEIA TAMBÉM:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-57-7



Policial